

Regina Maria Varini MUTTI

UFRGS

O tema proposto nesta comunicação - a sedução no discurso fabular - é aqui focado através de um recorte específico, representado pela fábula *O lobo e o cordeiro*, recontada por Monteiro Lobato no livro *Fábulas*¹, cujas reedições já somam mais de quarenta.

Numa análise discursiva, que busca as condições de produção do discurso, encontra-se como campo discursivo de referência a ficção narrativa literária infanto-juvenil, num gênero peculiar que apresenta uma lição de moral, lidando com ideologias cujos sentidos discursivos se reproduzem e se vão perpetuando na vida social.

Na história em questão, os animais dialogam como se humanos fossem, o que confere relevo especial à linguagem e à argumentação. Lobato inscreve a fábula no contexto do "Sítio do Picapau Amarelo", espaço imaginário do interior brasileiro, onde se desenrolam episódios diversos vividos por personagens criados pelo espírito instigante e imaginativo do autor. Assim, duas personagens - Dona Benta e Emília - falam sobre a fábula após a apresentação da mesma pelo narrador onisciente.

A relação entre uma análise discursiva da fábula e a questão da sedução requer que se busque inicialmente uma definição de sedu-

¹ LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1952.

ção. Partimos então para os sentidos registrados na Enciclopédia Delta-Larousse:

Sedução: S.f. Ato ou efeito de induzir artificialmente ao mal ou ao erro, de enganar arditosamente, de desencaminhar, desonrar, valendo-se de promessas, encantos ou amavios. / Atração; encanto; fascínio.²

Como podemos ver, o segundo sentido difere do primeiro, destituindo da significação da palavra sedução o caráter "maldoso", enquanto que se centra apenas no significado de prazer contido na palavra. Em que medida encontramos na nossa ótica de análise da fábula de Lobato a sedução, tendo em vista esses dois sentidos é o que pretendemos buscar.

A sedução será examinada inicialmente a partir da perspectiva de Lobato, portador da autoria do texto literário. Para a análise do discurso, revestem-se de importância questões referentes a sujeito, sentido e ideologia, aqui relacionados à problemática do sujeito-autor, o qual cria seu texto, fazendo coexistir e confrontar-se sentidos provenientes de formações discursivas várias, que manifestam posições de sujeito numa relação de dominância. Esse funcionamento discursivo é que se pretende analisar, ressaltando os efeitos de sentido causados num jogo que revela - ou esconde - a posição de sujeito assumida pelo autor.

Na fábula em análise, Lobato identifica-se como o sujeito-autor do texto que escreve, dirigindo-se aos leitores. Assume a responsabilidade pela organização dos fatos da narrativa, conforme estratégia própria. Tal estratégia consiste no relato das vozes dos diferentes protagonistas, personagens da fábula e do "Sítio", dentre as quais emerge a sua própria voz.

Uma marca lingüística encontrada no intradiscurso, digna de ser investigada, é o discurso relatado, por meio do qual o autor manipula essas diferentes vozes, dando coerência ao seu texto. Tal emprego pode conduzir ao interdiscurso, lugar da produção dos sentidos por sujeitos que assinalam suas posições. A estrutura discurso relatado, que faz parte da técnica narrativa empregada pelo autor, amiúde encontrável na ficção literária, revela o modo como o autor ocupa o lugar de es-

² DELTA-LAROUSSE. Grande Enciclopédia. Rio de Janeiro: Delta, 1972. p. 6228

critor ficcionista, que lhe é legítimo, ao mesmo tempo que aceita as normas socialmente determinadas, concernentes com esse fim. O gesto de interpretação de sentidos deve expressar-se de tal modo que, constituído no universo da ficção, resulte na comoção do leitor, mobilizando-lhe sentimentos, despertados através do contato com a obra.

Na estratégia de Lobato, evidencia-se a superposição de pelo menos três porta-vozes da fábula do Lobo e do Cordeiro:

- La Fontaine, narrador da fábula, anterior a Lobato, citado pela personagem Dona Benta;

- Dona Benta, personagem de Lobato, que lê a fábula recontada por esse autor à personagem Emília, presentificando-a;

- o próprio Lobato, que reconta aos leitores a fábula de La Fontaine, modificando-a não somente por meio de sua peculiar forma de narrar, como também pelo acréscimo do diálogo posterior entre a avó e a boneca, dando abertura para avaliação dos leitores, que parecem estar representados através das reações dessas personagens criadas por ele.

Essa estratégia de Lobato revela em seu cerne o reconhecimento da formação discursiva que considera a fábula como um gênero moralista, cujo sentido é carregado de censura e advertência às pessoas em geral e, no caso, às crianças e jovens. Fica explícita a possibilidade de alteração desse sentido, através da esperteza, elemento que subverte o sentido tradicional da fábula e faz surgir a posição dominada. Além disso, o simples fato de abrir a fábula à discussão representa novas possibilidades de interpretação, sentidos diferentes que o próprio leitor poderia manifestar. Fica pressuposto que os leitores defendem diferentes posições de sujeito, pois enquanto Dona Benta concorda e se cala diante do saber proposto pela moral da fábula, Emília representa a inconformidade, no que pese sua alternativa estapafúrdia.

Orlandi³, referindo-se ao modo de constituição dos sentidos, no interdiscurso, pela ação de sujeitos, acentua a questão da interpretação como uma contingência para o deslocamento de sentidos, relativos à polissemia e assim a novas posições de sujeito, que consistem em novos lugares de onde se pode falar. Nesse dinamismo, o mesmo

³ ORLANDI, Eni. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

pode dar então lugar ao diferente, e a estratégia de Lobato parece tender para o diferente, embora seja bastante forte a presença arraigada do discurso conservador tradicional, dominante.

O interdiscurso é visto como um espaço aberto a ressignificações pelos sujeitos, que, ao manifestarem novos gestos de interpretação, resistem à determinação representada pela sujeição a um sentido pronto que os submete, e assim o fazendo assumem outra posição de sujeito, falam de um outro lugar, que tem vinculação com as relações sociais históricas concretas. E o sentido original fica deslocado. No caso de Lobato, um sentido humorístico e irreverente, vinculado à personagem Emília, sobrepõe-se ao sentido trágico da fábula.

Ora, o sujeito-autor, por meio dessa estratégia, convida os leitores a se colocarem contra o sentido moralista da fábula, assim como também a avaliarem as condições de viabilidade dessa insurreição. Mas sobretudo ressalta-se sua alta consideração por esse gênero literário, talvez pela inquietude que causa no leitor, elemento fundamental para a literatura, que ele precisa atingir como sujeito-autor. Sujeito-autor e sujeito-leitor estão ambos em relação dialética.

Constituindo-se como literatura destinada a crianças, a fábula de Lobato carrega as mesmas condições das histórias infantis. Vigotsky⁴, remetendo a Freud, lembra que, assim como as lendas e mitos, essas histórias vinculam-se aos modos como uma cultura se organiza e dá conta da verdade, como cada cultura coloca em jogo seus ideais e expectativas. Por parte da criança, há a necessidade de que os mais velhos lhes apontem um referencial para que possa se desligar da sujeição representada por esse lugar e chegar a uma realização própria.

O que seduz as crianças de tantas gerações, ao se defrontarem com as situações diversas representadas nessas histórias é justamente, acentua Vigotsky, a possibilidade, no plano da literatura, de se colocar noutros lugares, de se imaginarem elas próprias em outros papéis, elaborando assim suas dificuldades. Mas não é propriamente o conhecimento pessimista sobre a vida, traduzido na moral da história, que interessa à criança, diz o autor, mas as características que fazem da fábula uma obra de arte literária.

⁴ VIGOTSKI, Liev S. *Psicologia del arte*. Barcelona: Barral Editores, 1972.

Remetendo à concepção psicanalítica sobre a produção da obra de arte, Vigotsky lembra que sua base é sempre constituída por inclinações e desejos inconscientes e em desacordo com as exigências morais e culturais. Precisamente por isso, os desejos proibidos podem alcançar mediante a arte sua satisfação no prazer da forma artística. Assim, a primeira condição do autor - e do leitor - é a sua sujeição a sentidos que já estão postos.

Com relação à situação de Lobato, como autor de texto artístico, reiterando o que já foi dito, temos que levar em conta sua relação com o discurso da fábula, portador de sentidos que o afetaram; no caso, estes estão representados pela leitura de La Fontaine, que ele cita no texto. Antes de ser escritor, ele foi um leitor da fábula.

Conforme acentuou Edison Souza, em palestra proferida na UFRGS, na visão psicanalítica de nossa relação com a leitura, enquanto leitores, ao ler um texto nós estamos também sendo lidos; nessa relação de assujeitamento, alguns textos nos angustiam, outros não. Pergunta-se: Como Lobato foi afetado pela leitura que fez de La Fontaine?

Para tentar responder a isso, vamos deslocá-lo para a posição de leitor-escritor. Buscando fundamentos na análise que faz Vigotsky das fábulas, o interesse dos leitores, diante desse gênero, vai além da simples discordância com a moral que a fábula encerra, situando-se na relação que se estabelece com a própria linguagem.

Para Vigotsky, fábulas como as de La Fontaine ou de Krilov, em seu desenvolvimento histórico e essência psicológica, representam um gênero que se constrói a partir de sucessivas contradições, surgidas num movimento dialético de sentimentos opostos em conflito, suscitados no leitor. Isso é determinado pela forma de narrar: não interessa apenas o relato de como o lobo matou o cordeiro, demonstrando que para o forte o débil é sempre o culpado. Interessa também, concomitantemente, a alteração argumentativa desenrolada entre os dois personagens, as falsas acusações do lobo frente às dignas razões do cordeiro, pois aí reside realmente o confronto e a medida de forças entre eles.

Nesse sentido, dois planos contraditórios devem ser considerados. Num deles, o da argumentação, a luta se inclina a favor do cordeiro, o qual rebate com uma força sempre crescente todas as acusações do lobo, até que este, sem argumento, não tendo mais o que dizer, é derrotado e tem de assistir ao triunfo do cordeiro. No outro plano, porém, a

luta segue seu curso, o cordeiro sempre em desvantagem. O leitor sabe que o lobo quer matar o cordeiro, está ciente de que as acusações não são mais do que um pretexto. A cada novo argumento, o lobo avança mais para o cordeiro, e cada razão acrescentada por este, como resposta, mais o aproxima da morte.

No momento culminante, em que o lobo fica sem argumentos, a vitória do cordeiro num plano, o da argumentação, representa sua derrota no outro plano e a vitória do mais forte. Contrasta-se assim a insignificância do cordeiro e a onipotência do lobo; as razões cada vez mais desvairadas do lobo e as razões cada vez mais dignas do cordeiro.

Assim, o que seduz o leitor e lhe prende à leitura são os sentimentos contraditórios despertados, devidos à própria forma de narrar a história, onde se confrontam o poder da argumentação e o poder da força. Desde o título da fábula, mantido literalmente por Lobato, situa-se o antagonismo dos personagens, baseado nas diferenças entre os dois animais. Logo a seguir, o narrador retoma a diferença de força física inerente aos dois animais e destaca a interpelação do Lobo ao Cordeiro, iniciando o interrogatório e assumindo a posição dominante: a dianteira da interlocução. Quem interroga dispõe de uma acusação ao interrogado, ou seja "o desaforo de turvar a água" que o interrogador vai beber. Anaforicamente, o lobo passa a ser designado por Lobato agora como "o monstro", "arreganhando os dentes", e, ainda, como aquele que tem o direito de castigar.

Porém, nesse momento o Cordeiro, seduzido pela oportunidade de responder ao Lobo, faz surgir o plano da razão em oposição ao da força bruta, assumindo uma posição de defesa com base na logicidade de seus argumentos e na convicção de que está com toda a razão. O perigo concreto que ameaça o Cordeiro fica desviado para o desenrolar da argumentação, de modo tal que o próprio lobo "se atrapa-lha" com a força argumentativa do cordeiro, embora não queira dar "o rabo a torcer", e o próprio Cordeiro parece crer que a sua inocência possa modificar a fatalidade do desfecho desse encontro.

Revela-se aqui a sedução mobilizada pelo poder da palavra, que se manifesta nos próprios personagens. Com relação ao Cordeiro, o que o seduz é a possibilidade de que provar sua inocência por meio da argumentação seria uma tábua de salvação. O fato de o Lobo não avançar sobre ele imediatamente, preferindo interrogá-lo antes, dá fal-

sas esperanças ao Cordeiro. Credo que sua defesa seria mais forte que uma mais sensata e imediata tentativa de fuga, envolveu-se na interlocução com o Lobo e empolgou-se com sua própria exposição de argumentos, mas o pretense poder da palavra falhou, levando-o à morte. Portanto, esse fato revela a sedução em seu sentido atrativo e enganoso.

O próprio Lobo vivenciou a sedução, pois desviou-se do curso natural que o impelia a saciar a fome de imediato, detendo-se a interrogar o Cordeiro, iludido pela debilidade física do Cordeiro, que imaginava estender-se também à possibilidade de defender-se através da palavra, estando em tão crítica situação. No entanto, o Cordeiro revelou-se gigantesco em coragem e argumentação, embora tangido de medo. Então o Lobo teve de sofrer a humilhação de ver seu poder de força bruta analisado e desqualificado pelo Cordeiro. Ele também foi seduzido pela possibilidade de justificar pela palavra seu ímpeto assassino, sendo nesse sentido enganado.

Ao tomar a palavra, ocupando um lugar de dizer, o escritor está tentando resistir à imposição de sentido que já existia antes, provocando um deslocamento que representa uma nova posição. Ao recontar a fábula de La Fontaine, Lobato parece evidenciar sua inconformidade com o sentido pré-construído e ao decidir inscrevê-la numa obra para crianças, retratando a relação adulto-criança através das personagens Emília e Dona Benta, abre novas possibilidades de sentidos vinculados também ao discurso pedagógico, constitutivo da literatura infantil. A voz da criança, representada por Emília, manifesta uma significação outra, a voz do dominado que não se coloca passiva diante do sentido posto. Valoriza-se, desse modo, a voz infantil, a criança deve ser ouvida.

Mas sobretudo é provável que seu gesto de interpretação da fábula de La Fontaine situou-se, antes, no reconhecimento do alto valor literário desta, para então não só divulgá-la enquanto verdadeiro tesouro, "a fábula mais famosa de todas", aquela que "revela a essência do mundo" como colocou na boca da personagem dona Benta, mas também para ser ele o mediador de novas interpretações por sujeitos-leitores no contexto brasileiro, indicando aí a posição de Emília, que não lida com a palavra enquanto argumentação, mas com o fim de enganar espertamente. Mas os leitores, em sua heterogeneidade podem ter ainda outras ressignificações, como o dilema de mudar a mais bela das fábulas ou não mudá-la. Sugere-se, aqui, a supremacia do

valor estético da obra, que não pode ser tocada em sua constituição vital, sob pena de ser destruída. E a posição de Lobato é manter a integridade da fábula enquanto obra de arte.

Lobato tornou-se porta-voz do sentido básico perpetuado pela fábula, mas transformou-a através de um novo gesto de interpretação, fincado no seu tempo. Desse modo, inscreveu sua interpretação no interdiscurso concernente ao campo fabular, buscando superar os limites das condições de produção do discurso evidenciado em *La Fontaine*, pois o momento histórico diferente, o tempo distante e a linguagem inusitada do poema narrativo gerador certamente dificultariam e talvez impossibilitariam uma apreciação condizente da obra pelos nossos leitores jovens, no contexto brasileiro. Deixa ressaltado que a beleza do gênero fábula, entre os outros fatores citados, também reside na aliança com o caricatural, o didático, o esquemático, e que o leitor tem uma participação ativa. A obra não tem compromisso com a verdade verdadeira, mas deve mobilizar o leitor para se colocar diante de novas formações discursivas, novas possibilidades de sentidos: por isso mantém-se sedutora, tanto para o sujeito-autor quanto para o sujeito-leitor.